OBSTÁCULOS E POSSIBILIDADES EPISTEMOLÓGICAS NA VIDA ACADÊMICA

EPISTEMOLOGICAL OBSTACLES AND POSSIBILITIES IN ACADEMIC LIFE

Koria Valdvane Tapirapé [1]

Resumo: O presente artigo apresenta os desafios e obstáculos que se presencia e são vivenciados na universidade, que vem passando por profundas reflexões para acompanhar as correntes de pensamento e de diferentes saberes que permeiam a entrada dos/as estudantes indígenas e quilombolas nas universidades. Novas possibilidades epistemológicas apontam a necessidade do papel de um docente da universidade crítico-reflexivo, capaz de transformar sua realidade social. De fato, as universidades precisam pensar as novas bases epistêmicas para abrir-se a conhecer e respeitar os saberes tawaxãra (indígenas) e tapaxõ (quilombolas) como conhecimentos válidos. Neste sentido, as universidades do nosso país, de fato, devem cumprir o que se assegura nos Art. 210 e 231 (BRASIL, 1988), incorporando as epistemologias indígenas. Este artigo trata de um relato da minha experiência e tem por objetivo apresentar a vivência na Universidade Federal de Goiás-UFG, no desenvolvimento do trabalho acadêmico durante as disciplinas ministradas do mestrado, no curso de Pós-Graduação em Antropologia Social. Essa experiência vivida durante a minha estadia em Goiânia, a partir de várias discussões, debates e reflexões, foi significativa e possibilitou aos alunos/docentes repensarem suas práticas no sentido de reconstruir o sistema das universidades.

Palavras-chave: Desafios; Diferentes Epistemologias; Reflexões; Vivência acadêmica.

Abstract: This article presents the challenges and obstacles that are witnessed and are experienced at the university, which has been going through deep reflections to accompany the currents of thought and different knowledge that permeate the entrance of the indigenous and quilombola students in the universities. New epistemological possibilities point to the need for the role of a critical-reflective university professor, capable of transforming their social reality. In fact, universities need to think about the new epistemic bases in order to open up to know and respect the tawaxãra (indigenous) and tapaxõ (quilombola) knowledge as valid knowledge. In this sense, universities in our country, in fact, must comply with what is ensured in Art. 210 and 231 (BRASIL, 1988), incorporating indigenous epistemologies. This article deals with an account of my experience and aims to present the experience at the Universidade Federal de Goiás-UFG, in the development of

[1] Mestrando em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás – UFG. Possui graduação em Licenciatura Intercultural Indígena (Ciências da Natureza e Matemática), pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT (2012) e Especialização em Educação Intercultural e Transdisciplinar: Gestão Pedagógica, pela UFG (2015). Professor da Escola Indígena Estadual Tapiitãwa, Brasil.

academic work during the disciplines taught by the master, in the Postgraduate course in Social Anthropology. This experience during my stay in Goiânia, based on several discussions, debates and reflections, was significant and allowed students/teachers to rethink their practices in order to rebuild the university system.
Keywords: Academic Experience; Challenges; Different epistemologies; Reflection.

INTRODUÇÃO

O sistema do ensino superior e da pós-graduação (mestrado) da Universidade Federal de Goiás - UFG, ao longo da minha jornada dentro da universidade, vem passando por profundos debates para acompanhar as diversidades culturais no sentido de mudar para conectar os conhecimentos indígenas que o país possui. Neste contexto, o modelo de ensino das universidades deve ganhar os conceitos epistêmicos dos *tawaxãra* (indígenas) e dos *tapaxõ* (quilombolas). Neste sentido, as universidades devem gradativamente substituir velhas práticas por novas tendências pedagógicas, as quais apontam para romper com a discriminação, com o preconceito e, assim, transformar a realidade das universidades incluindo os conhecimentos *tawaxãra*, ou seja, expandindo os saberes diferentes dentro das universidades, minimizando injustiças e desigualdades. Constatamos que, de fato, as universidades ainda são fechadas perante sistemas pluriepistêmicos e pluriversidade cultural. Veja o trecho de um artigo:

> "Cada povo indígena é herdeiro das sabedorias construídas por seus avós míticos e humanos. Nós herdamos histórias humanas, conhecimentos, práticas de vida, modos de relacionamentos com a biodiversidade. Os desafios de contextos históricos contemporâneos exigem de nós a construção de novas sabedorias, conhecimentos e novos estilos de bem viver. Os nossos pensamentos, sentimentos, nossa vontade, nosso interior, atitudes e nossos comportamentos mudam, também. " (REZENDE, 2016, p. 02).

Cabe ressaltar que as concepções das universidades ainda são colonizadoras e tem o *link* no eurocentrismo, ou seja, o modo pelo qual o trabalho é compreendido muito centrado nos conhecimentos das sociedades ocidentais. Neste processo, as universidades são instituições da sociedade dominante, pelas quais se efetua o processo educativo. Na universidade, as ações de ensino são focadas no letramento acadêmico, rígido e que seja feito o trabalho conforme o que a universidade exige, isto é, conforme as regras da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).

De acordo com a minha convivência e a minha análise referente aos estudantes *tawaxãra* (indígenas) sobre os trabalhos acadêmicos, encontram-se muitos obstáculos, no sentido de possuir um uso maior da tecnologia digital e acessar o sistema digital da universidade, pois, em muitos dos casos, os estudantes indígenas não têm o domínio dos usos dos meios, como por exemplo: o envio do trabalho via e-mail,

ter o acesso no sistema SIGAA (Sistema Integrada de Gestão de Atividades Acadêmicas/UFG) para o acompanhamento do programa, ou seja, as ementas dos/as professores/as para baixar os textos, o uso do *whatsapp.*

O maior obstáculo e desafio que se presencia também, são as saudades das famílias, ausências das famílias, que, de fato, influencia na hora de focar no trabalho. Quando se trata da ausência das famílias, falo das pessoas que nos deixam e, por isso, não se aproveita 100% dos conteúdos explorados. Então, digo que os desafios e obstáculos são mistos, isto é, os trabalhos acadêmicos que fazem o *link* no letramento digital, saudades das famílias e ausências das pessoas que nos deixam.

Assim, este artigo tem por objetivo relatar as vivências no desenvolvimento do trabalho e seminário nas universidades *maira*, durante a minha estadia em Goiânia, nas disciplinas do Curso de Mestrado em Antropologia Social, de uma instituição federal de ensino.

ELABORAÇÃO DE PROJETO

Quero começar a relatar a minha jornada no mestrado do começo até onde hoje estou, pois começo como foi enfrentado o desafio desde a elaboração do projeto e o preenchimento do Currículo na Plataforma Lattes do Cnpq. Para elaborar o projeto de pesquisa já é grande desafio a enfrentar, temos que ter bastante leitura para compreender o edital e é claro que nele se estabelecem as normas de processo seletivo, até mesmo para optar por linha de pesquisa que nos agrada. No edital de 2017 teve quatro linhas de pesquisa.

Assim, decidi escolher a linha da minha pesquisa "Corpo e marcadores sociais da diferença" e o tema foi: Alimentação e saúde do povo *Apyãwa* (Tapirapé). Isso tudo aconteceu depois que tivemos a conversa com *Tenywaawi* (Gilson *Ipaxi'awyga Tapirapé*), quando voltou de Goiânia com a notícia de que tinha sido divulgado o edital de seleção ao programa de pós-graduação em Antropologia Social e na Linguagem, mestrado (ampla concorrência e vagas para ação afirmativa). O *Paroo'i* (Nivaldo *Korira'i Tapirapé*) também tinha me procurado, para ver se eu tinha interesse de concorrer ao mestrado, falou-me que ele iria concorrer, então, eu tinha ficado mais animado.

Desde então, foquei na elaboração do meu projeto. Apesar de gostar muito de escrever e fazer a leitura, tive dificuldade de entender a diferença do referencial teórico e referência bibliográfica. Até porque nunca tive a oportunidade de estudar essa forma de elaborar o projeto. Mas, é claro, já tive a experiência de elaborar o projeto no ensino médio e no ensino superior, aliás, o projeto para o mestrado é mais aprofundado.

Pois, a professora *Koxamy* (Mônica Veloso Borges) tinha me procurado se eu estava escrevendo o projeto, obviamente, falei que tinha quase concluído, ressaltando que estava faltando referencial teórico, referências bibliográficas e o currículo lattes. Neste momento busquei pesquisa online para compreender os três tópicos que não tinha compreendido direito. Assim, fui melhorando o meu projeto

de pesquisa. Escrevia e fazia a leitura até a madrugada para concluir o projeto, devido a que o prazo de entrega já estava se esgotando. Fiz muitas leituras para fazer referencial teórico, como o livro do etnólogo Herbert Baldus (1970), ele traz uma pesquisa detalhada sobre o povo *Apyãwa*, entre 1936 e 1937, e busca mostrar os aspectos sociais, como os mitos, os rituais, a alimentação e a saúde. Ele era um etnólogo que tinha apreço pela riqueza do patrimônio material e imaterial do povo *Apyãwa*. Li também o livro do etnólogo Charles Wagley, bem como também as pesquisas feitas por outros estudiosos que analisaram a realidade do povo *Apyãwa,* como Toral (1994), Paula (1999/2000), Andrade (2010) e Damas (2016). Utilizei também as monografias e trabalhos produzidos pelos alunos do Projeto de Ensino Médio '*Aranowa'yao* – Novos Pensamentos', bem como pelos professores que estudaram e estudam na Universidade Federal de Goiás (UFG) e na Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT), valorizando, assim, a epistemologia do nosso povo e os conhecimentos produzidos pelos nossos intelectuais. E é claro que também consultei aqueles estudos que tratam dos peixes e dos animais da nossa região, que mostram a importância de nossa alimentação tradicional, são os trabalhos dos (as) professores (as) da UFG (BORGES, FERREIRA; BRUNO, 2014).

Terminando de elaborar o projeto, perguntei ao *Paroo'i* se tinha terminado o projeto dele, a resposta dele foi que não, falou-me que tinha desistido de elaborar o projeto devido a outros trabalhos. Sei que ele foi a pessoa que me levou a interessar concorrer o mestrado. Mas não foi somente ele que tinha desistido de concorrer o mestrado, tinham também desistido *Inamoreo* (*Kaorewygi* Reginaldo *Tapirapé*) e *Kararawore* (*Xawapare'ymi* Genivaldo *Tapirapé*). O fato da desistência foi não ter sido elaborado o projeto conforme solicitado no edital. Assim, não foi nada fácil elaborar o projeto para concorrer ao mestrado.

REALIZAÇÃO DA PROVA

Para fazer a prova, o desafio continuou sendo enfrentado, não foi nada fácil, pois as provas foram muito concorridas. Para isso, eu e *Tenywaawi* tivemos que emprestar o dinheiro da comunidade no valor de 500 reais para completar o nosso dinheiro. O dinheiro emprestado dividimos em partes iguais. Assim garantimos pagar a nossa passagem de ida e volta, alimentação, hospedagem e o táxi ou Uber para chegar na universidade. Chegando em Goiânia, hospedamos no hotel Ipameri, único hotel com preço razoável que suportou o nosso dinheiro durante a realização da prova. Assim garantimos a nossa ida para fazer a prova em Goiânia.

A primeira prova que enfrentei foi a Prova de Conhecimentos Específicos, no dia 06 de novembro de 2017; a segunda prova foi a Prova Oral, que ocorreu nos dias 07 e 08 de novembro de 2017. Eu tinha feito a prova oral no dia 08 à tarde e a terceira prova foi Exame de suficiência de língua estrangeira. Aliás, nós indígenas tínhamos que fazer em língua portuguesa, que, de fato, para nós, indígenas, é o

idioma estrangeiro. Essa prova foi nos dias 09 e 10 de novembro de 2017. Então, no dia 10 eu fiz essa prova.

Foto 1 – A chegada minha na universidade para fazer a prova



Fonte: *Yrywaxã*, 2018.

Neste momento, percebi claramente que a prova mais difícil foi a primeira prova, devido que o texto tinha no máximo 8 a 10 páginas para serem interpretadas e depois, com base neste texto, ir respondendo as questões. Fiz o máximo, uma rápida leitura para conseguir responder as questões dentro do horário previsto. Mesmo me esforçando bastante, fiquei o último a sair da sala. Saí muito preocupado, devido que a última questão não tinha respondido direito, não consegui passar a limpo o texto. Confesso que as quatro horas se converteram para uma hora e meia, o tempo passa muito rápido. Sabemos que o tempo é o nosso inimigo quando fazemos as provas.

A prova oral foi mais tranquila, houve perguntas sobre a minha disponibilidade quando fosse aprovado no curso, o porquê tinha escolhido o tema na Antropologia Social, o que eu entendia sobre Antropologia Social e o que me levou a essa área. Tinha perguntas também sobre a minha trajetória acadêmica. Indagaram também sobre o tema da minha pesquisa, os problemas do tema escolhido, quais eram os meus objetivos, as metodologias.

O exame de suficiência em língua estrangeira foi mais tranquilo, recebemos um pequeno texto para interpretar e responder as três questões. Não foi diferente da primeira prova, só teve a diferença com o pequeno texto. Eu tenho certeza que nessa prova fui muito bem. Até porque foi um assunto que já conheço.

Também não posso deixar de registrar o quase abandono da última prova, devido à falta de ywyrape (dinheiro), se o Tenywaawi não pagasse mais dois dias a minha permanência no hotel, é obvio que não tinha como ficar, ia abandonar a última prova. Tivemos uma conversa séria, que eu não podia desistir da prova, ele deu uma força total para que eu fizesse a última prova. Na verdade, eu e ele sempre fomos assim, um ajudando o outro. Então, fiquei até na última prova diante de muitos desafios. O Tenywaawi e

Kaorewygi voltaram para a aldeia, ou seja, Kaorewygi foi para Minaçu-GO, na época ele morava com o povo Avá-Canoeiro, e o Tenywaawi foi para Aldeia Tapi'itãwa. Eu fiquei mais dois dias em Goiânia. Assim consegui fazer todas as provas.

EXPERIÊNCIA DE INGRESSO NO MESTRADO. NÍVEL DE OBSTÁCULOS ENCONTRADOS NO I SEMESTRE NO TRABALHO DE MESTRADO.

Estudar é o sonho de toda humanidade para ser alguém da vida, mas que cada povo tem a forma diferente de estudar na vida, cada agência cultural tem a sua forma de ensinar e aprender. Pois, pensando do mundo contemporâneo do povo Apyãwa, sempre tive o sonho de estudar no patamar mais elevado, que seria eficiente para minha formação pessoal e profissional. Sempre fui motivado pelas minhas famílias, esposa, meus pais, assim sempre procurei dedicar-me ao estudo desde o começo. Resultado desse aconselhamento e dedicação levou-me a realizar o sonho onde hoje estou, enfrentando uma experiência bastante desafiadora no Mestrado em Antropologia Social da UFG, em Goiânia.

Foi uma experiência incrível, no meio dos maira (não indígena). Óbvio, entrei no mestrado em busca de mais conhecimentos, apesar de ter o ambiente bem diferente da licenciatura intercultural. Acho que devemos principalmente saber a respeitar os saberes diferentes, o fato é que estamos em busca de saberes inovadores.

No começo do meu ingresso no mestrado, pensei que as disciplinas aconteciam como o ensino superior, todos os dias, mas não, ocorre uma vez por semana ou uma vez em cada quinzena. Isso depende das disciplinas que se ministra em semestres, ou seja, tem as disciplinas de 32 horas e de 64 horas, além de uma disciplina optativa. Ainda no começo do semestre, a turma é composta por mestrandos/as e doutorandos/as, achava que estudava a turma separada, mas isso ocorre somente no segundo semestre. Neste semestre, aprendi muitas atividades que ainda não conhecia bem, como: os artigos, resenha, recorte bibliográfico e construção do projeto mais aprofundado. Cada tópico há suas regras diferente dos outros, refiro-me às regras que a universidade exige.

Geralmente, em um programa acadêmico de mestrado, o aluno trabalha numa linha de conhecimento mais conceituado, mais técnico, eu diria mais aprofundado nos letramentos acadêmicos.

Antes de entrar no trabalho de mestrado, no primeiro tópico é preciso destacar como foi o recebimento dos calouros das turmas de 2018 na Antropologia Social. A tendência foi para os mestrandos e doutorandos se apresentarem aos demais, ressaltando-se a sua trajetória acadêmica de forma sucinta. Nessa ocasião, o Dr. Luís Felipe Kojima Hirano, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS e professor ao mesmo tempo, parabenizou os novos mestrandos e doutorandos. Foi um momento muito gostoso de minha primeira presença no

meio de colegas de estudos e professores, como mostra a imagem.

Foto 2 – Recebimento dos/as mestrandos/as e doutorandos/as



Fonte: *Yrywaxã*, 2018.

O começo de vivenciar e experimentar os desafios e obstáculos, misturados com o sistema da universidade e da falta da família numa sociedade incomparável com minha sociedade.

Voltando para o desafio encontrado no trabalho de mestrado, é sempre bom deixar claro a maior dificuldade que a gente enfrenta. O mais que se presencia na vida acadêmica de mestrado é a teoria, muitas teorias que, de fato, nunca tive oportunidade de estudar, como as obras de: Lévi-Strauss, Marcel Mauss, Pierre Clastres, Marshall Sahlins, Evans-Pritchard, Malinowski e muitos outros teóricos. Mas não significa que é impossível ter conhecimento dessa corrente desafiadora. Outro ponto que me faz pensar muito sobre a minha própria pessoa é a resenha acadêmica, confesso que em outro momento já havia estudado sobre a resenha. Pensei que já teria um pouco de domínio desse trabalho. Mas teríamos que fazer a resenha ligada à ABNT (Associação Brasileira das Normas Técnicas). Acreditei que, com o tempo, iria pegar o ritmo e acompanhar o patamar do mestrado. Mas sei que as línguas espanhola e inglesa são mais desafiadoras no sentido de não ter acompanhamento do texto. Penso que todos/as mestrandos/as e doutorandos/as indígenas vêm passando por profundas reflexões referente à língua estrangeira. No Programa de Antropologia da Saúde e da Doença, teve alguns textos em língua estrangeira, como:

> "MARTÍNEZ HERNÁEZ, Ángel. Capítulo 1. Medicina, Ciencia y Creencia. Una Historia de la antropología médica. Antropología médica. Teorías sobre la cultura, el poder y la enfermedad. Barcelona, Anthropos. p. 11-44. TURNER, Victor. "La medicina Lunda y el Tratamiento de las enfermidades" e "Un Doctor Ndembu en Acción" (p. 333 a 430), In La Selva de los Símbolos, aspectos do ritual Ndembu, Siglo Veintuno de Espanha Editores S.A.; KLEINMAN, Arthur 1973. Concepts and a Model for the Comparison

> of Medical Systems as Cultural Systems." (Social Science and Medicine, 12: 85-93).

Nesse tópico, no primeiro momento, percebi claramente o distanciamento da minha participação dentro do debate e senti-me como analfabeto, até porque é uma língua com a qual nunca tive contato. Mas, com a explicação da professora, deu para pegar o ritmo lentamente, ou seja, entrar e às vezes participar no debate. Tudo isso não significa que poderia levar-me à desistência, jamais me entregaria pela fragilidade, acho que gosto muito de colocar-me diante de desafios, sei que neste processo alcançaremos os nossos objetivos, como sempre venho fazendo durante o meu trajeto de estudo.

Outra questão importante que eu estou vivenciando no mestrado do Programa de Práticas de Pesquisa I, é a troca do texto com o colega de estudo, ou seja, com a dupla. Acho muito fantástica essa metodologia, já que muitos alunos/as do curso de mestrado são também professores/as ou já haviam exercido tal função. Então, essa forma de trabalhar é a superação de desafio, acredito que essa forma de trabalhar é uma prática inovadora no processo de ensino aprendizagem. Apresenta-se, assim, a construção de saberes, contribuindo para a formação de letramento acadêmico crítico-reflexivo. Neste processo, senti-me mais à vontade no sentido de melhorar o meu trabalho, buscando a superar a dificuldade e vencer os desafios e obstáculos. Sei que a vida acadêmica é exigente, como se vê na imagem a revisão do trabalho com professor.

Essa forma de metodologia me ajudou muito a melhorar o meu trabalho com mais profundidade, no sentido de estranhamento, ou seja, escrever o trabalho com mais detalhe, descrição densa.

Foto 3 – A revisão do texto com professor Luís Felipe



Fonte: *Yrywaxã*, 2018.

Também não deixarei de registrar o letramento digital, é outro desafio que se presencia no mestrado. Acho que eu já tenho o mínimo domínio da tecnologia, ou seja, me sinto um pouco inserido no letramento digital, isso me ajudou bastante na hora de fazer pesquisas online, como também o uso do e-mail, WhatsApp. A maior parte dos conteúdos são

feitos via letramento digital. Até porque estamos vivendo na era digital no mundo contemporâneo.

Outra experiência que vivenciei no mestrado, acho que é preciso também ser destacado o Programa de Teorias Antropológicas I. O fato é que a gente estuda muitas teorias que nunca estudei durante a minha trajetória acadêmica. É preciso ter muitas leituras para compreender o que o autor tenta nos transmitir no ponto de vista antropológico.

Muitos textos acho muito complexos, não todos, isso dificulta muito a interpretação do texto, até mesmo a produção da resenha. Mas não significa por falta da explicação da professora, eu acredito que ela faz uma explicação com detalhes, porém a forma dela de explicar é com muitas palavras técnicas e, muitas vezes, fica difícil de entender mesmo.

Diante desse desafio, busco a pesquisa online e no YouTube para ver se consigo interpretar o texto de uma forma mais explicitada. Às vezes, a professora passa o vídeo para facilitar a interpretação do texto. Acredito que é o mecanismo que busca o entendimento melhor dos/as alunos/as mestrandos/as e doutorandos/as.

Foto 4 – Aula de vídeo com a professora Mônica Pechincha



Fonte: *Yrywaxã*, 2018.

Ao assistir ao filme, percebi claramente a diferença da interpretação da escrita com o audiovisual. Fica claro que a escrita não te explica como o audiovisual te explica o movimento do ritual, o ritmo da dança etc. Então, neste processo fui melhorando a forma de interpretar os conteúdos explorados a partir do audiovisual.

NÍVEL DE DESAFIO ENCONTRADO NO II SEMESTRE NO TRABALHO DE MESTRADO

No segundo semestre, os desafios e obstáculos foram os mesmos ou mais ainda, no sentido de ter mais créditos de disciplinas, sendo uma disciplina optativa (Etnografia), a serem cumpridos.

Matriculei-me nas disciplinas de: Teorias Antropológicas II, Práticas de Pesquisa II, Epistemologias Indígenas e Negras, como obrigatórias e uma disciplina optativa, Etnografias Indígenas. Além dessas disciplinas, foi obrigatório fazer o estágio de docência. O fato é que tive que fazer as leituras corridas, para que não pudesse deixar nenhum texto sem fazer a leitura. Assim, deixei alguns textos sem interpretar direito, confesso que é preciso reler para compreender o que autor quer transmitir para a gente. Não se pode deixar de relatar também que alguns textos são muitos complexos para interpretar, porque fica claro quando os estudantes maira (não indígena) não conseguiam compreender direito as ideias do autor, imagina para nós indígenas, fica mais difícil de compreender no ponto de vista antropológico.

Acho que a antropologia me levou a conhecer estrutura social, como ela está operando na outra cultura. Entendi que antropologia tem duas vias: uma, organizar o mundo, e outra estudar a cultura e criticar. Também levou-me compreender um pouco a estrutura cognitiva e transformacional, cabe ressaltar, conforme a minha compreensão: no mundo em que hoje vivemos é a gente que entra no sistema, um sistema que domina a diversidade, na comercialização das coisas, mas não resolve a cultura, a sua identidade, a sua imagem, digamos assim. O sistema capitalista domina a diversidade e as pessoas que entram no sistema são a favor dele para destruir as identidades, cosmologias, língua, conhecimentos sobrenaturais do povo indígena.

O que me marcou também, foi o trecho do texto da antropóloga Regina Abreu (2018): "Nossas elites econômicas, infelizmente, não estão interessadas em memória nacional. Preferem viajar para o Disney ou visitar o Museu do Louvre em Paris. Como dizia Euclides da Cunha, elas continuam cegas aos quadros reais das nossas vidas". De fato, estamos caminhando sem enxergar as coisas boas, ou seja, tudo que é bom está chegando ao fim, enquanto as coisas ruins estão dominando o mundo.

Outro trecho que é bem reflexivo, foi do jornalista Ruy Castro (2018): "como dizia George Orwell, quem controla o passado controla o presente, e quem controla o presente controla o futuro". Com todas essas reflexões, refletir profundamente da nossa organização, sociocultural, socioeconômico, sociopolítico. Vários autores destacam as ideias muitas bacanas, que antropologia não estuda o povo, que não estuda cultura, afirma que se estuda problemas. O que chamou também a minha atenção foram as ideias de Davi Kopenawa em uma palestra na UFG em 2018, na qual ele disse: "eu não preciso as coisas dos brancos, não precisa do dinheiro, eu não quero que estrague o meu conhecimento, quero amizade de vocês, mas o branco não aceita a minha amizade". Ele se refere à organização social dos brancos. Essas ideias que me marcaram muito.

Também na Prática de Pesquisa II, aprofundamos mais ainda o estudo sobre a construção do projeto de mestrado, bem como a organização do plano de dissertação de cada mestrandx. Para isso, tivemos muitas leituras de diferentes autores/as que discutimos na Prática de Pesquisa

II. Dessa forma, deslocando-me nos dois mundos: o mundo maira (não indígena), o mundo do tawaxãwa (indígena) e o deslocamento do olhar como possibilidades de trabalho. Foi um trabalho no qual busca-se o diálogo para fazer um espaço de interlocução no sentido de desenvolver de forma mais eficaz as dissertações.

Nesse sentido, no meu contexto, seria categorização, devido a que o trabalho da pesquisa e a teoria não se constroem por uma única pessoa. Achei bacana a nossa discussão de texto ao longo do semestre, a nossa apresentação para os colegas de estudo. Também foram muito importantes as reuniões individuais entre discentes e professora, para devolução dos projetos de pesquisa comentados, o que de fato foi a superação de vários obstáculos.

Nas demais disciplinas, também vimos muitas teorias, isso acaba por levar à leitura incompleta, muitos textos não conseguíamos terminar de ler. Numa disciplina, tinha que fazer a leitura com três ou quatros textos de autores diferentes, e mais a leitura complementar; em outra disciplina, tinha que fazer a leitura em todo o capítulo. Essa forma da metodologia interferiu muito na minha compreensão de texto. Isso levou-me a fazer a leitura corrida, para que não deixasse outros textos sem fazer a leitura. Penso que isso interfere na saúde da pessoa, percebi claramente na minha pessoa, devido que, muitas vezes, sentia a dor da minha cabeça, o que me deixava fora de concentração. Essa metodologia, conforme a minha análise, leva a que muitas teorias ficaram sem ter aprofundadas as ideias dos autores. Cabe rever a metodologia para ter aproveitamentos maiores nos conteúdos aplicados. Acredito que neste processo os/as mestrandos/as e doutorandos/as terão o peso maior na compreensão das obras dos/as autores/as. Para isso, a presença indígena na universidade é importante, para lutar para mudar o sistema desatualizado, conforme comentam os autores: "A universidade tem muito trabalho pela frente, pois ela vem se tornando, pouco a pouco, um espaço de acesso, permanência, interlocução e transformação em relação às populações indígenas" (APINAJÉ; HERBETTA, 2018, p. 61).

A universidade ainda é muito prematura referente aos saberes e conhecimentos indígenas, apesar de se ter um pouco de abertura, ainda há muito que aprender com os povos diferentes. É claro que se vê hoje um mínimo avanço.

O mais que me marcou foi a disciplina de Epistemologias Indígenas e Quilombolas. Foi, de fato, uma construção inovadora de ideias para a universidade. Sabemos que, através dos domínios dos estudos, ou seja, saber usar o papel e a caneta, vamos mudar as ideias cristalizadas das universidades. Com esse olhar, devemos propor as novas formas de metodologias para as universidades. A entrada de estudantes indígenas nas universidades, de acordo com a minha convivência e análise, está fazendo com que esta instituição reveja o seu esquema de ensinar. Ela é um espaço importante para que se faça a visibilidade sobre os conhecimentos e saberes indígenas. Neste sentido, espero que as universidades irão compreender as epistemologias indígenas, suas cosmologias, artes e tenho certeza que

remetam estes conhecimentos sobre os desafios e obstáculos no encontro com o mundo maira. Como é descrito por Silva e Herbetta:

> "Este texto reflete sobre possibilidades decorrentes da criação e elaboração de alguns espaços inovadores de democratização em algumas universidades brasileiras, fazendo com que as mesmas recebam populações culturalmente distintas e historicamente excluídas da academia, como indígenas e quilombolas. Dessa forma, simultaneamente, constituam também espaço de produção de conhecimento e de novas relações de convivência a partir de outras dinâmicas e epistemologias. No mesmo contexto, percebe-se muitas vezes a reprodução de mecanismos que limitam ou mesmo excluem a possibilidade de uma universidade mais democrática." (SILVA; HERBETTA, 2018, p. 12).

Conforme esse trecho do texto, muitas das realidades indígenas, os trabalhos indígenas não são considerados como teorias válidas, são praticamente excluídos das universidades, assim como também os conhecimentos quilombolas.

Assim, os desafios, os obstáculos que vivenciei no I e II semestre do mestrado evidenciam as dificuldades que os acadêmicos indígenas encontram no interior da universidade. É incomparável com a Licenciatura Intercultural, o foco da Licenciatura é mais ligado à realidade peculiar de cada comunidade indígena.

DESAFIOS ENFRENTADOS FORA DA UNIVERSIDADE

Aqui, pretendo deixar registrada a maior dificuldade que a gente enfrenta fora da universidade, eu diria que é a preparação da comida, a limpeza da casa, lavagem da roupa, em geral, os pertences da casa onde estamos morando. Sei que o estudo teórico já é bem puxado, imagina algo que você nunca fez na sua vida, ou seja, algo que culturalmente é somente feito pelo sexo feminino. Então, o sofrimento nosso é incomparável, arriscamos a fazer a nossa alimentação pela primeira vez na vida, como também a lavagem da roupa, da panela e, é claro, a limpeza da casa. Isso mostra que somos corajosos, sofremos muito com as saudades das famílias, ninguém desanimou diante de muito sofrimento. Esse mesmo desafio, a Creuza Prumkwyj Krahô relata:

> "Nunca me acostumei, mas terminei o curso e aprendi com o sofrimento, muitas vezes sem ter recursos para comer nas viagens da aldeia para a cidade. Havia ocasiões em que eu não tinha dinheiro para comprar biscoito nem picolé, as coisas mais baratas. Eu não tinha bolsa de estudo, não tinha nada e ficava só vendo meus amigos comerem. Às vezes, alguns colegas com boas intenções ofereciam. Depois que me acostumei com eles, muitas vezes ajudavam-me compartilhando quase tudo comigo. Eu fiquei muito feliz com meus amigos e amigas não indígenas, que chamamos de Cupen. São momentos difíceis sair de sua casa para estudar ou trabalhar. Não há espaço na cidade para o indígena e a

> vida urbana torna-se muito complicada." (KRAHÔ, 2018, p. 117).

Não é fácil viver numa sociedade que é completamente diferente da sua, é uma sociedade que não funciona a vida sem *ywyrape* (dinheiro). Mas existem as pessoas que nos acolhem nos momentos difíceis, como o caso nosso, fomos três pioneiros que saímos da aldeia para enfrentar a complexidade da cidade e fomos acolhidos pelas professoras Koxamy e Noxa'i. Foi o sofrimento incalculável, como na imagem mostra a preparação da comida e a limpeza da casa.

Foto 5 – Preparação da comida e a limpeza da casa



Fonte: *Yrywaxã*, 2018.

Nessa grande dificuldade, tivemos o apoio da professora Koxamy (Mônica Veloso Borges) e Noxa'i (Themis Nunes da Rocha Bruno), como foi dito acima. Ambas nos ajudaram muito a conseguir as coisas básicas da casa. Se não fossem elas, não tenho a mínima ideia de como nós poderíamos ficar. Então, elas são as pessoas que arcaram com as despesas para o nosso mantimento. Enfim, assim estamos vivendo fora da aldeia com apoio da professora Koxamy e Noxa'i. São pessoas queridas, parabenizo-as honradamente pelo apoio e pela contribuição impecável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao vivenciar o sistema da universidade durante as disciplinas ministradas, ressalto que constantemente temos que desconstruir conhecimentos desatualizados para construir novos conhecimentos. É preciso que a universidade faça o diálogo para construir, de fato, a inovação de acolher saberes diferentes.

Ao estudar em uma sala de aula do maira (não indígena) com uma turma de 16 estudantes e uma grande diversidade de alunos/as com diferentes saberes, cada um com suas particularidades, percebi claramente a nossa forma de participar e de se expressar perante as aulas. Óbvio que, em alguns momentos, nós tivemos a dificuldade da compreensão da língua escrita e somos apontados como um aluno que apresenta dificuldade de aprendizagem na língua escrita. É preciso que a universidade enxergue que viemos da linguagem oral, atravessamos obstáculos e desafios para mergulhar na língua escrita. Nesse sentido, a universidade precisa respeitar saberes diferentes, ou seja, pluriversidades.

Seria importante também dizer que a academia não constrói os conhecimentos a si próprios, ela constrói os conhecimentos a partir de várias epistemologias, a universidade precisa de pessoas diferentes, neste sentido, ela rompe os conceitos equivocados. Deste modo, devo deixar claro que a presença de pessoas diferentes é muito importante para a construção do sistema da universidade para a qualidade do conhecimento que leve em conta a pluridiversidade epistemológica, sem nada de superioridade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina. Entrevista, *o Globo*, 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/incendio-no-museu-nacional-provoca-reflexao-brasil-um-pais-sem-memoria-23050497>. Acesso em: 01 dez. 2018.

ANDRADE, Maria Júlia Gomes. *A construção da Takãra em Majtyri*: *etnografia de uma aldeia Tapirapé.* 2010. 136 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

APINAJÉ, Júlio Kamêr Ribeiro; HERBETTA, Alexandre. *Cantos filosóficos e a possibilidade de uma pluriversidade*. Revista Articulando e Construindo Saberes, v.3, n.1, p. 55-62, 2018.

BALDUS, Herbert. *Tapirapé*: *tribo tupi no Brasil Central*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1970.

BORGES, Mônica Veloso; FERREIRA, Rogério; BRUNO, Themis Nunes da Rocha (Orgs). *Xemamara'aãwa – Peixes da área Tapirapé: os que já existiram e os que ainda existem.* Goiânia: CAPES/UFG/PIBID, 2014.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*, 1988. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 1. dez. 2018.

DAMAS, Vandimar Marques. *Vermelho e negro: beleza, sentimentos e proteção entre os Tapirapé.* 2016. 291 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

KRAHÔ, Creuza Prumkwyj. *Mulheres-cabaças*. Piseagrama, n. 11, p. 110-117, 2017.

PAULA, Eunice Dias de. *Fazendo as regras: relação dos Tapirapé com a escrita*. Revista Museu Antropológico, v. 3/4, n. 1, p. 43-52, 1999/2000.

REZENDE, Justino Sarmento. *Educação na visão de um Tuyuka*. Manaus: FSDB, 2010.

SILVA, Maria do Socorro Pimentel da; HERBETTA, Alexandre. *Atualizando, juntando e esticando a universidade: considerações sobre a possibilidade de uma pluriversidades.* PRACS: revista eletrônica de humanidades do curso de Ciências Sociais da UNIFAP, v. 11, n. 1, p. 11-26, 2018.

TORAL, André Amaral de. *Relatório de identificação e delimitação da área indígena Urubu-Branco*. Brasília: FUNAI, 1994.